

A VIDA COTIDIANA NA CIDADE DE PELOTAS/RS

JOANNA MUNHOZ SEVAIO¹; **WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A cidade como objeto de reflexão, conforme os sentidos dados pelos sujeitos que a ocupam e que nela vivem, é o mote deste breve estudo sociológico. Dessa maneira, as vivências cotidianas dos sujeitos que, estando imersos nas trivialidades de suas relações, produzem narrativas e dão sentido ao espaço urbano, tornam-se o objeto de uma investigação que se situa no terreno fértil da imaginação sociológica e do artesanato intelectual, tal como proposto por Mills (1969) e revigorado por Martins (2014). Ainda é válido ressaltar que este trabalho está sendo desenvolvido no âmbito do Projeto de pesquisa “Sociologia e História em Henri Lefebvre” da Universidade Federal de Pelotas.

A história da cidade de Pelotas funde-se com a construção de casarões de estilo eclético nos espaços centrais, dentre os quais se destaca a Praça Coronel Pedro Osório – assim denominada a partir de 1931 – cuja demarcação data de meados do século XIX. No perímetro da Praça, além do gramado e da Fonte das Nereidas – ou chafariz-, destacam-se as sumptuosas obras esculturais pelotenses Antônio Caringi, e mais recentemente uma escultura de bronze do famigerado escritor pelotense João Simões de Lopes Neto. Conforme a página oficial da Prefeitura Municipal de Pelotas (2017), é no entorno da Praça que se encontra o maior conjunto arquitetônico de construções do período entre 1870 e 1930.

Hoje, a população e turistas que visitam Pelotas usufruem deste espaço como local de sociabilidade, de encontros, desencontros e, sobretudo: cotidiano. A perspectiva aqui adotada encontra no cotidiano – ou nas experiências triviais dos sujeitos - um campo para a reflexão sociológica por excelência. Na obra de Martins (2014, 2017) encontra-se o cerne do referencial teórico deste trabalho, em que o autor dialoga com as proposições de outros autores, com destaque para Wright Mills e Henri Lefebvre. Sob tal ponto de vista, cabe ao olhar ao olhar sociológico, portanto, científico, decifrar os sentidos do que parece ser insignificante e banal. Nas palavras do autor, “não ignorar a vida cotidiana é o ponto de partida para decifrar sociologicamente o possível” (MARTINS, 2017, p. 12). Assim, percebe-se que a História é escrita e reescrita a partir das narrativas dos sujeitos contidas no dia-a-dia, em que o palco é a cidade.

2. METODOLOGIA

Nesse sentido, o artesanato intelectual de que trata Martins (2014) aparece como fio condutor deste estudo, e também como algo presente na história da produção de conhecimento sociológico no Brasil. O pesquisador que adota tal

postura situa-se e comprehende-se no outro. Ademais, dá ao texto sociológico um quê de literatura, o que de certa forma destitui a dureza científica. O autor ainda diz que “o artesanato intelectual envolve a invenção de técnicas de pesquisa e de abordagem ajustadas à natureza do tema e do objeto.” (MARTINS, 2014, p. 28). Acerca disso também fala o sociólogo norte-americano Charles Wright Mills, que no conjunto da obra *Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios* (2009) abre um campo de reflexão sobre o fazer sociológico que considera a conexão com o vivencial, opondo-se à sociologia de caráter positivista. Aqui, portanto, são ressaltados os elementos criativos e inventivos do processo de produção de conhecimento sociológico, seguindo a perspectiva do que Mills (1969) chama de *imaginação sociológica*.

Partindo disso, propõe-se a observação participante como um recurso metodológico capaz de auxiliar o alcance dos propósitos deste trabalho, dando-lhe dimensões qualitativas. Através disso, é possível observar e analisar os sentidos e significados das interações dos sujeitos com o espaço da Praça Coronel Pedro Osório, o que compõe as narrativas sobre a cidade. A interação da pesquisadora, nesse caso, dá-se mais com o espaço da cidade do que com interlocutores específicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como exposto acima, a preocupação principal deste estudo é a de desvendar os sentidos que os sujeitos dão à cidade, ou melhor, aos espaços da cidade que ocupam e pelos quais transitam. Com isso, a Praça Coronel Pedro Osório surge no horizonte de investigação, em que pese as narrativas dos sujeitos que compõem o espaço social da cidade, dessa maneira, o que parece oculto cabe à Sociologia colocar-se na tarefa de revelar.

Era julho, quarta-feira, e o sol brilhava escaldante na cidade de Pelotas, contrariando o calendário que marcava ser inverno. Munida tão-somente de uma caderneta, a autora julgou frutífera a observação-participação daquele espaço, naquele dia, o que remete ao exercício da prontidão, pontuado por Martins (2014) como um dos elementos da prática artesanal da sociologia, que dispõe de poucos recursos.

No contexto supracitado, o sol parecia também auxiliar na tarefa de iluminar os aspectos da vida social cotidiana que estão contidos nas interações estabelecidas na Praça. O imenso gramado, que ocupa grande parte das dimensões do lugar, torna-se protagonista dos processos e das relações que vão ali acontecendo. Por outro lado, os bancos – nos quais logicamente estariam as pessoas – têm ocupação intermitente. Estão ora vazios, ora ocupados.

Podem ser observados diversos grupos de jovens – aparentemente estudantes secundaristas – que se reúnem em pequenos círculos, dessa maneira estendendo-se pela grama. Sem muito sucesso, uma senhora tenta vender uma rifa aos ocupantes da Praça. Durante as duas horas em que a Praça foi observada, são incontáveis as pessoas que circularam pelos corredores e espaços constituídos de concreto, representando múltiplas facetas de ocupação do espaço público e expressando as diversas idades, raças, credos que existem na cidade e por ela transitam. No intermédio destes dois usos opostos dos

espaços da Praça – a continuidade e a transitoriedade – estão as pessoas que ocupam brevemente os bancos.

Percebe-se, a partir das observações anteriores, que o cotidiano vivenciado pelos distintos sujeitos, dá sentido à cidade, sendo as narrativas que de fato a compõem. Entende-se, portanto, que a História é tecida naquilo que parece vulgar, conforme as reflexões tecidas por Martins (2017) sobre o conjunto da obra de Lefebvre.

No mesmo mês de julho, em um domingo, o cenário da Praça transforma-se. A transitoriedade quase desaparece, e as pessoas permanecem por longos períodos nos diversos espaços que constituem o espaço social da Praça Coronel Pedro Osório. Aqui se entende o sentido do espaço urbano a partir da obra fundamental de Henri Lefebvre *A produção do espaço* (2006), em que o autor destaca os aspectos da relação dos sujeitos enquanto “produto-produtor” de relações sociais que se engendram na cidade. Assim, “O modo de produção organiza – produz – ao mesmo tempo que certas relações sociais, seu espaço (e seu tempo)” (LEFEBVRE, 2006, p. 8)

Assim, a Praça, é também produto das relações sociais que se expressam na cidade. E os sujeitos que ali estão, circulam, ficam, são produtos e produtores dos sentidos que imprimem às experiências cotidianas vivenciadas nos espaços urbanos.

No domingo, os grupos que frequentam a Praça Coronel Pedro Osório são maiores e mais diversos. Ademais, não só a grama é ocupada inteiramente, mas também os bancos, o entorno do chafariz e a praça infantil. Famílias inteiras, grupos de amigos, cachorros com seus donos, crianças, jovens, idosos, todos se tornam elementos constituintes do espaço social da Praça, bem como constituidores de narrativas e sentidos sobre o lugar.

Mais especificamente no domingo de observação, outro espaço ganhou relevo: o entorno do *Theatro Sete de Abril*, situado às margens da Praça. O Theatro foi o primeiro a ser construído no Rio Grande do Sul, em 1834, no auge econômico-cultural da cidade. Entretanto, está desativado a fins de restauração, o que tem gerado a indignação dos movimentos sociais ligados à cultura. Posto isso, foi realizado no local o evento “Poesia da Margem”, com o intuito de resgatar o sentido cultural historicamente designado àquele espaço. Durante toda a tarde e começo da noite, música, poesia, e livros foram compartilhados por centenas de ocupantes do espaço público que ali circularam.

Observou-se também que os sujeitos cujas experiências citadinas perpassam o espaço social da Praça Coronel Pedro Osório estão marcados pelas subjetividades que compõem os discursos sobre o local e sobre a cidade.

4. CONCLUSÕES

Conforme pode ser observado, as narrativas dos sujeitos sobre a Praça são construídas a partir de experiências cotidianas diversas, mas que compõem, de certa forma, um todo que se relaciona com a formação social da cidade.

As impressões sociológicas acima expostas são parte, no entanto, de um quadro parcial das investigações que se pretende ampliar. O objetivo, portanto, é estimular reflexões que deem relevo ao cotidiano, assim constituindo sobre a cidade, sobre o todo, sobre a História.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARO, F. S.; GONÇALVES, M R. F. Esculturas de Bronze da Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS, no Patrimônio da Cidade. In: 24º Encontro da AMPAP. *Compartilhamento na Arte: Rede e Conexões*. 2015, Santa Maria, Anais, pp. 1858-1869.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev.2006. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf. Acesso em: 26 jul. 2017

MARTINS, J. S. *A Sociabilidade do Homem Simples*. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2017. 174 p.

_____. *Uma sociologia da Vida Cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2014. 221 p.

MILLS, C. W. *Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 96 p.

_____. *A imaginação sociológica*. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. 246 p.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*: São Paulo, v. 22, nº 63, p. 153-155, fev. 2007.